



Dino e Cía:
Operação Oopa!

O Vovô Juca subiu rapidamente as escadas, e ao abrir a porta do quarto encontrou Toninho chorando. Ele estava segurando seu carrinho de bombeiro favorito, e a escada que fica na carroceria estava quebrada.



— O Tuca pisou no meu carro de bombeiro e o quebrou — informou Toninho soluçando.

— Mas eu não vi — disse Tuca todo triste.

— Mas você o quebrou! — gritou Toninho.

Tuca pediu desculpa. Sentia-se mal por ter quebrado o carrinho, pois pisou nele sem querer.

— Deixe-me dar uma olhada — ofereceu o vovô Juca. — Talvez dê para consertá-lo.

— Não quero que o Tuca brinque mais com os meus brinquedos! — disse Toninho.



— Toninho, agindo assim você não está perdendo — explicou o vovô Juca.

Toninho olhou para o carrinho quebrado, depois para o Tuca. Era difícil para ele perdoar seu amigo.

— Eu já contei para você a história do Dino, o dinossauro? — perguntou o vovô Juca.

— Não — respondeu Toninho. — O carro de bombeiro dele também quebrou?

— Não exatamente — respondeu o vovô Juca. — Mas um dia ele cometeu um erro que deixou sua irmã bem triste. Que tal descermos para a oficina com seu carrinho e enquanto eu tento consertá-lo conto a história do Dino?



Chovera durante vários dias e Dino passara todo esse tempo dentro da caverna onde sua família morava planejando jogos para brincar com seus amigos depois que parasse de chover. Naquele dia finalmente ficou ensolarado. Dino correu à procura de seus melhores amigos, para perguntar se queriam brincar com ele.



— Lilico! — chamou Dino. — Susi! Cadê vocês?

Lilico colocou a cabeça fora da sua casa:

— Estou aqui. Quais são as novidades?

— Você e Susi querem brincar comigo? Estou com vontade de correr e brincar — afirmou ele.

— Eu também — concordou Lilico. — Vamos procurar a Susi.

Os dois amigos chegaram à casa de Susi e lhe perguntaram se ela gostaria de brincar com eles. Susi também mal podia esperar pra brincar, então os três amigos saíram em direção à floresta ali perto para brincar. Decidiram brincar uma espécie de “pique-bandeira” diferente, com uma só bandeira a ser conquistada. Um dos amigos esconderia a bandeira e a protegeria, e os outros dois tentariam pegá-la. Lilico foi o primeiro protetor da bandeira. Susi e Dino teriam que capturá-la.





— Um... dois... três... — começaram a contar Dino e Susi.

Lilico saiu com a bandeira para escondê-la. Ele a colocou cuidadosamente dentro do oco de uma grande árvore.

— Quarenta e nove... cinquenta! — disse Dino em voz alta. — Lá vamos nós atrás da bandeira!

— Não se eu pegar vocês primeiro — respondeu Lilico.

Dino procurou debaixo de moitas e grandes pedras, mas nem sinal da bandeira.

De repente ele ouviu um som brinçalhão e estridente vindo de Susi. Ela tinha encontrado a bandeira, mas Lilico a tinha visto antes de ela pegá-la, e correu para capturá-la.

É a minha chance, pensou Dino, correndo em direção à árvore oca, onde agora podia ver a bandeira.



— Viva! — gritou Dino, pegando-a. — Achei a bandeira!

Dino correu para a sua base com a bandeira, mas Lilico se aproximava rapidamente por trás. Dino correu até o limite da floresta e entrou numa campina grande.

— Ah, ah! Você não consegue me pegar, Lilico!

— DINO! PARE! — ouviu-se gritar.

Mas era tarde demais. Dino tinha corrido bem por cima do canteiro de flores de sua irmã Dina. Ele não percebeu, enquanto corria, mas agora muitas das flores tinham sido pisoteadas.

— Xii! — disse Lilico, sacudindo a cabeça ao ver o desastre. Susi saiu correndo da floresta para ver o que tinha acontecido.

— Olhe o que você fez, Dino! — disse Dina. Ela ficou zangada por causa de todo o tempo e cuidado que investira no jardim.



Dino não tinha intenção de arruinar as flores de Dina e não sabia direito como reagir nem o que dizer. Aí reparou que a cerca que geralmente protegia o jardim não estava lá.

— Onde está a cerca? — perguntou ele — Se a cerca estivesse aqui, eu não teria pisado suas flores.

Dina ficou ainda mais zangada. Ela começou a dizer o nome das várias flores que Dino tinha estragado e mencionou como tinham demorado tanto para crescer. Dino retrucou que a culpa na realidade era de Dina por não ter uma cerca no canteiro.

— Esperem, por favor! — clamou Lilico. — Não é certo gritar um com o outro. Deve haver uma maneira de resolver essa situação.

— Choveu tanto que a cerca caiu, porque a terra virou lama — explicou Dina, enxugando as lágrimas. — É por isso que está sem cerca.

— Talvez possamos fazer algo para ajudar a Dina a consertar o jardim — sugeriu Susi.



— Mas o quê? — perguntou Dina. — As flores estão arruinadas!

— Podemos ajudá-la a levantar a cerca, para isso não voltar a acontecer — disse Lilico.

— E colocar escoras nas plantas que ficaram curvadas para baixo para elas ficarem de pé — acrescentou Dino.

— Não vai funcionar — disse Dina com tristeza. — Vou ter que arrancar tudo e plantar flores novas. Ainda estou com raiva de você, Dino!

— Sei que está zangada, mas foi sem querer e Dino pediu desculpas. Você vai perdoá-lo? — disse Susi.

— Nós podemos trabalhar juntos e tentar arrumar tudo. Tenho certeza que dá para salvar algumas flores.

— Você tem razão, Susi — disse Dina, e logo depois pediu desculpas a Dino por ter se zangado com ele. — Eu perdoo você e ficarei feliz se me ajudarem a recuperar o jardim.

Dino sorriu para sua irmã.

— Muito obrigado por me perdoar, Dina. Você cuida tão bem do seu jardim! Sinto muito pela bagunça que fiz. Vou começar por montar de novo a cerca para você.

Dina agradeceu a gentileza e mencionou que havia possibilidade de algumas das flores se recuperarem com alguns cuidados a mais.





Dino foi buscar as ferramentas necessárias para ajudar Dina. Susi e Lilico também se ofereceram para dar uma mãozinha. Não demorou muito e o canteiro de Dina estava lindo novamente. Dino colocou uma placa na cerca: "Cuidado com o canteiro de flores." Ele também trouxe para sua irmã novas mudas e sementes para plantar no jardim. Dina ficou muito feliz!



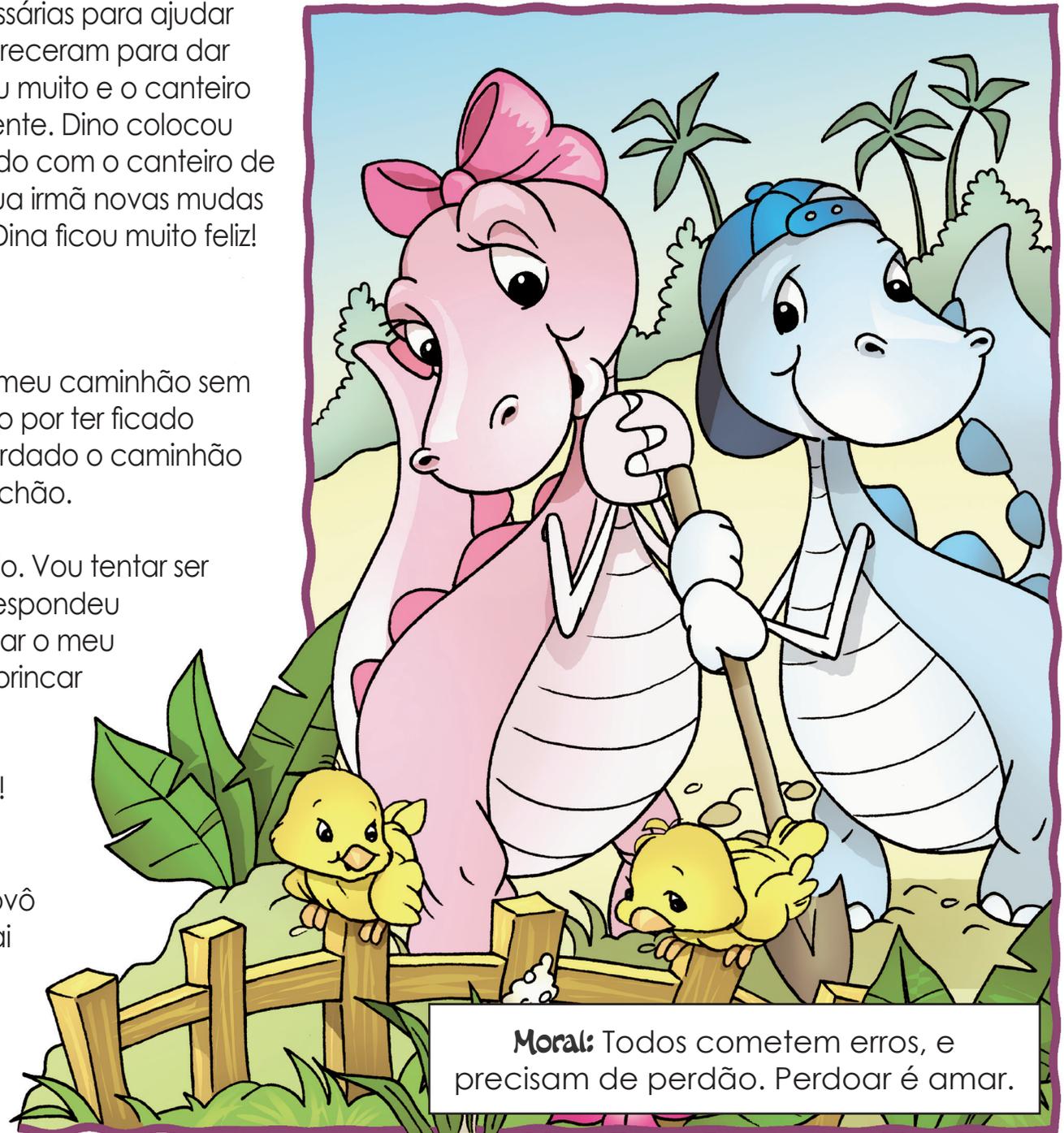
— Tuca, eu lhe perdoo por quebrar meu caminhão sem querer — disse Toninho. — Sinto muito por ter ficado bravo com você. Eu deveria ter guardado o caminhão na prateleira em vez de deixá-lo no chão.

— Por favor me perdoe por quebrá-lo. Vou tentar ser mais cuidadoso da próxima vez — respondeu Tuca. — Talvez eu possa lhe emprestar o meu caminhão de bombeiro para você brincar até o seu ser consertado.

— Obrigado, eu gostaria muito disso!

— Olha, garotos, acho que este caminhão vai ficar ótimo! — disse vovô Juca. — Depois que a cola secar, vai ficar como novo.

— Muito obrigado, vovô! — exclamou Toninho. — O senhor consertou direitinho!



Moral: Todos cometem erros, e precisam de perdão. Perdoar é amar.